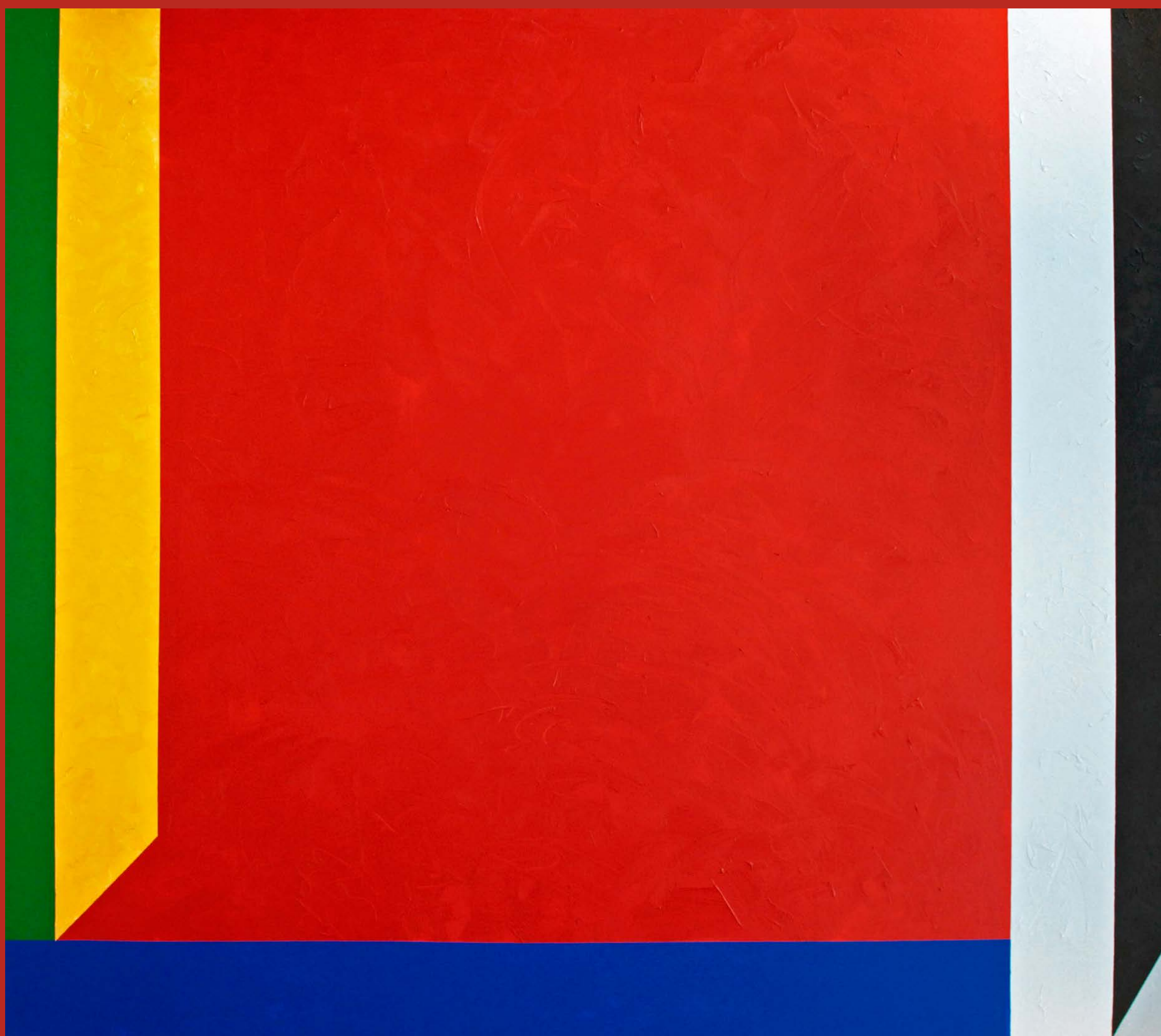


Eduardo Sued

100 anos

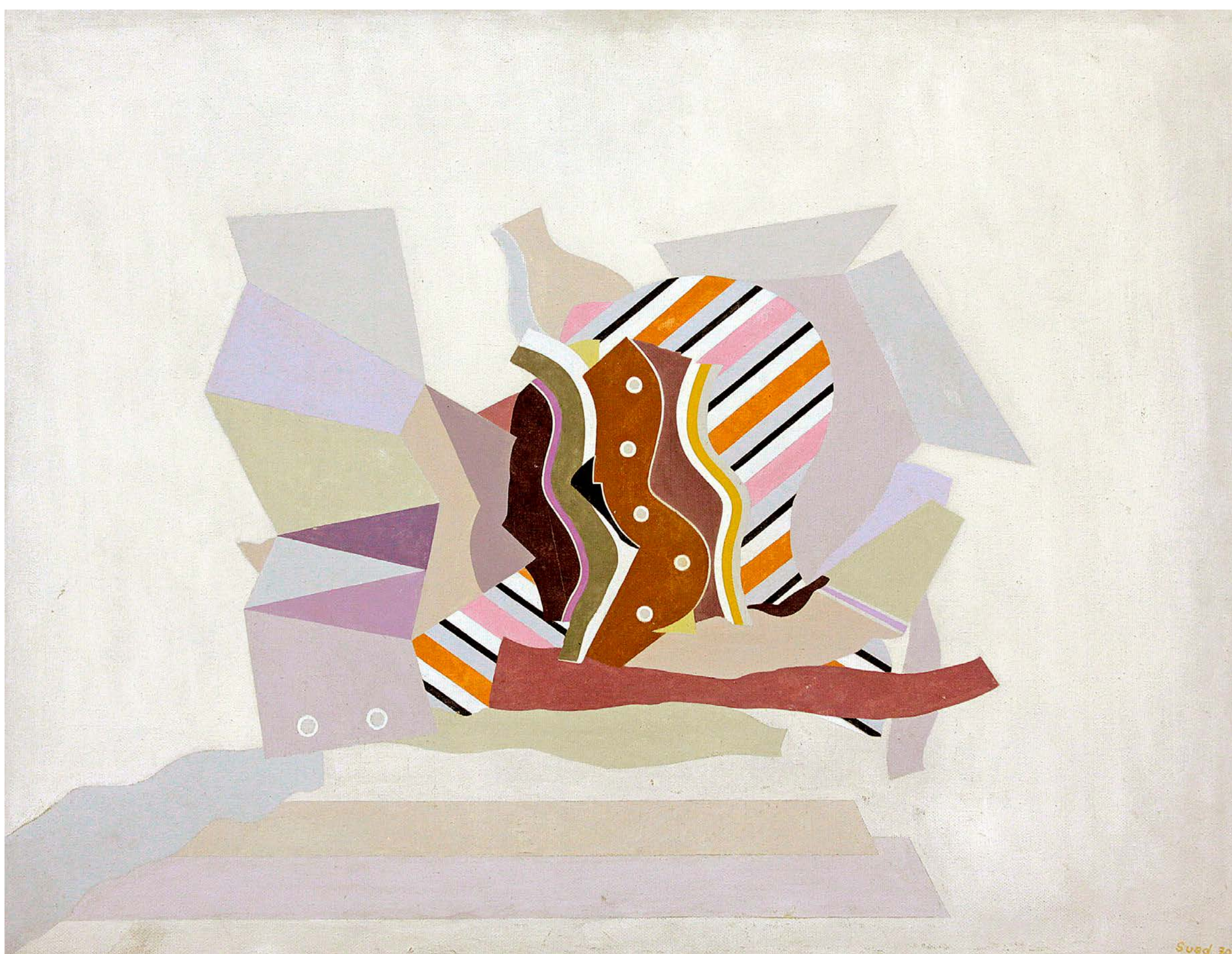


NM

Galeria

MAYER MIZRAHI

NM



Composição, 1970
Óleo sobre tela
70 x 90 cm



EDUARDO SUED – 100 anos

Travessias cromáticas

Denise Mattar - Curadora

No seu ateliê em Jacarepaguá, rodeado por jardins que não servem como modelo, mas como metáfora, Eduardo Sued trabalha, como quem medita. Não sobre o mundo exterior, mas sobre as relações entre cor, espaço, linha e tempo. Ali, vivendo um cotidiano que beira o ritual, o artista que completou um século, transfigura tinta em pensamento, geometria em respiração. Sua arte, embora ancorada na tradição da pintura moderna, é um gesto sempre novo, em constante reinvenção — um manifesto silencioso de permanência na mudança.



Nascido no Rio de Janeiro em 1925, filho de imigrantes sírios, Sued desde criança foi atraído pelas cores e brincava com papéis, fitas e tecidos, que voltariam, anos depois, como ele mesmo conta, sob a forma de faixas coloridas, justapostas, sobrepostas, cortadas por outros tons. Sua juventude o levou à Escola Nacional de Engenharia, mas o chamado da arte foi mais forte e ele deixou o curso antes de sua conclusão. Estudou pintura e desenho com o pintor alemão Henrique Boese, e, trabalhou como desenhista no escritório de Oscar Niemeyer. A matemática o levou a cultivar a clareza do pensamento e a disciplina na execução, mas a voz de Paul Klee, chegou a ele através das páginas prateadas de um livro, abrindo sua mente às forças do inconsciente e da cor.

A viagem para a Europa, no início da década de 1950, com passagem pelas academias parisienses La Grande Chaumière e Julian, oferece a ele o contato direto com a linhagem moderna: Picasso, Matisse, Miró, Kandinsky e Mondrian. Contudo, o que Sued absorve não são estilos a serem imitados, mas modos de ver. De Klee herda a ideia de que a criação advém das forças invisíveis, das tensões internas entre o fazer e o perceber.



De Mondrian, não adota o dogma, mas o rigor – que seria transformado por uma liberdade tropical de cor e ritmo.

Na volta ao Brasil, em 1953, Sued não se filia a grupos e não assina manifestos, mantendo-se à margem das disputas entre figuração e abstração; entre concretos e neoconcretos. Seu compromisso é com a pintura, como experiência solitária e intelectual. Na década de 1960 o cromatismo ganha corpo em seu trabalho, rompendo com a assepsia do concretismo e com os resquícios da figuração do abstrato informal. Sua geometria não rememora memórias ou paisagens. Ela pulsa. Vive. Suas telas não narram: dançam em campos cromáticos de intensa vibração, onde o preto e o branco não são apenas ausências ou equilíbrios, mas presenças ativas. Anos depois Sued estabelecerá uma distinção entre o preto e negro. Para ele, o preto é cor profunda, mas o negro é infinito – uma compreensão da cor como fenômeno físico e espiritual.

Tal sensibilidade foi aguçada não apenas pela prática incessante, mas também por vivências singulares. As experiências de juventude, nas ondas do Arpoador, colocaram-no diante de dois grandes

planos – céu e mar – que se fundiam em sua percepção. Essa espacialidade frontal, essa linha do horizonte que marca sua memória, comparece em sua obra como uma indagação constante sobre o espaço pictórico. O quadro, para Sued, é campo de relações, tensão entre o todo e a parte, entre o plano e o corte.

Na década de 1970, quando a nova figuração se espalha no cenário artístico como um rastilho de pólvora, Sued dá uma guinada ainda mais forte rumo ao que se pode chamar de “construtivismo cromático”, e, mesmo remando à contracorrente, é lido com profundidade por críticos fundamentais como Walmir Ayala, Jayme Maurício, Roberto Pontual e, sobretudo, Ronaldo Brito, que desde os anos 1960 acompanha sua obra com rigor filosófico.

Na década seguinte, seu trabalho recebe ainda mais atenção, com destaque para sua participação, em 1981, na XVI Bienal Internacional de São Paulo, sob curadoria de Walter Zanini, com três grandes telas, duas delas quase monocromáticas, seguida da participação na 41ª Bienal de Veneza, em 1984, com um trabalho composto de faixas de seda pura coloridas substituindo as tiras



verticais de cor na superfície da tela, na fronteira do tridimensional.

Suas obras na década de 1980 são monumentais. Não apenas em escala, mas em presença. Faixas coloridas invadem superfícies cinzas ou negras, criando ritmos de expansão e contenção. A pintura torna-se campo de forças, palco de tensões. Surge também o uso do alumínio e da tinta espessa, que confere ao plano pictórico uma textura quase escultórica. A colagem retorna, não como nostalgia, mas como redescoberta de possibilidades formais.

Nos anos 1990, a superfície começa a vibrar com nova intensidade. Pinceladas espessas e descontínuas irrompem na tela. O gesto torna-se visível, o plano se perturba, e a pintura adquire espessura. A geometria persiste, mas passa a conviver com a densidade da matéria, com a fricção da textura e com volumes inesperados. Surgem as chamadas “pinturas-relevo”: superfícies que recebem tocos de madeira, sarrafos, colagens — elementos tridimensionais que tensionam o plano, sem renunciar à vocação pictórica. “Sou pictórico”, afirma Sued. “Apesar de haver presenças escultóricas, continua sendo muito pintura.”

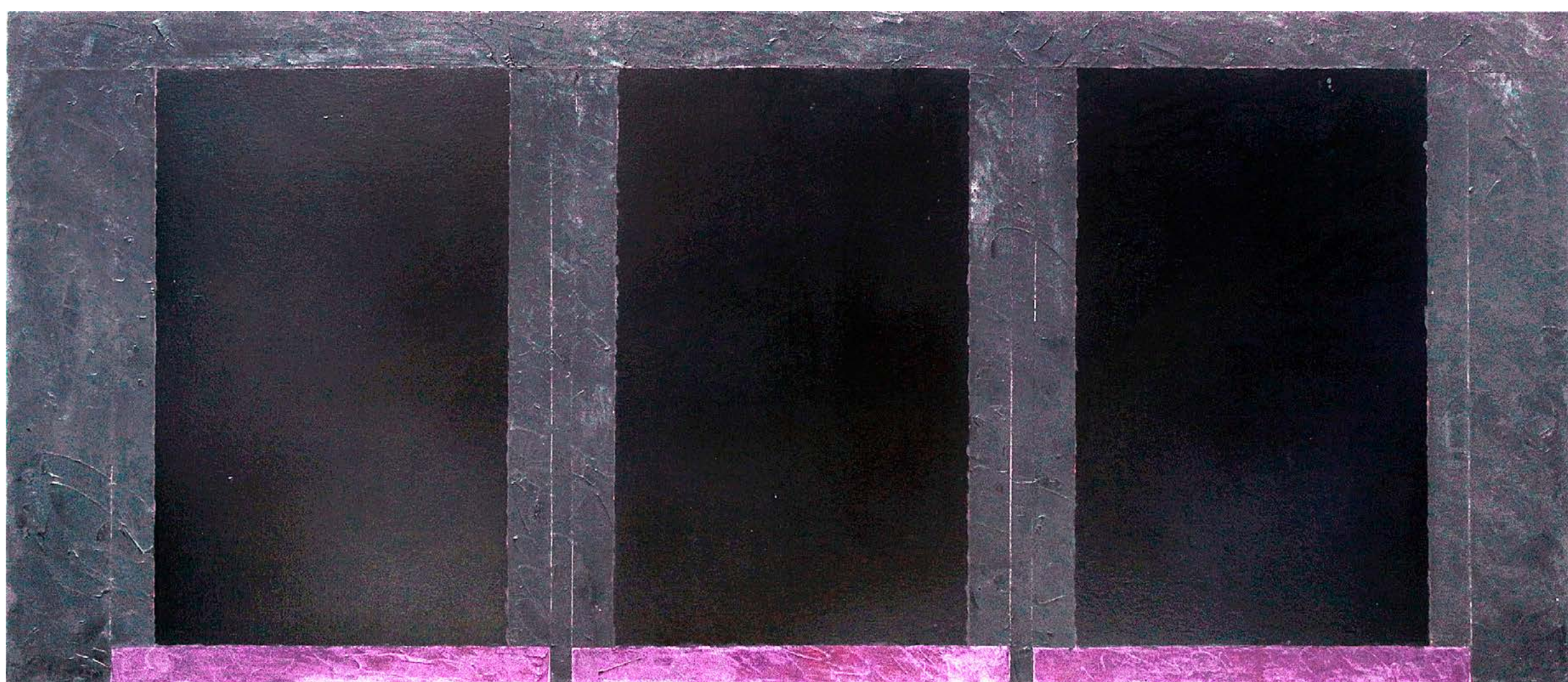
No início dos anos 2000, o alumínio, o dourado e o prateado ganham força. A luz agora não apenas colore, mas determina a forma. O prateado, para Sued, é o vazio que pulsa. A superfície branca intensa torna-se impenetrável ao olhar. A cor é som, ausência, intervalo. Sued passa a “ouvir” suas pinturas, comparando seus campos cromáticos às estruturas de Schönberg e Webern. Como quem compõe, ele escuta o que a tela pede – e pinta.

Eduardo Sued nunca deixou que sua linguagem se cristalizasse. Aos cem anos segue trabalhando e cada tela é uma nova travessia. “Eu procuro trabalhar à maneira da natureza”, diz ele. E é isso que seus quadros parecem fazer: germinar silenciosamente, como sementes lançadas no espaço do visível, à espera do olhar atento que os faça florescer. Seu legado é uma pintura que se recusa ao fácil, ao óbvio. Uma obra que se inscreve como afirmação radical de uma poética brasileira – geométrica em sua essência, vibrante em cor, racional na estrutura e movida por um sopro contínuo de invenção.



Composição, 1996
Técnica mista sobre tela
61 x 46 cm

NM



Sem título, 1997
Óleo e acrílica sobre tela
90 x 210 cm



Sem título, 2007
 Acrílica sobre cartão e colagem
 102 x 72 cm

NM



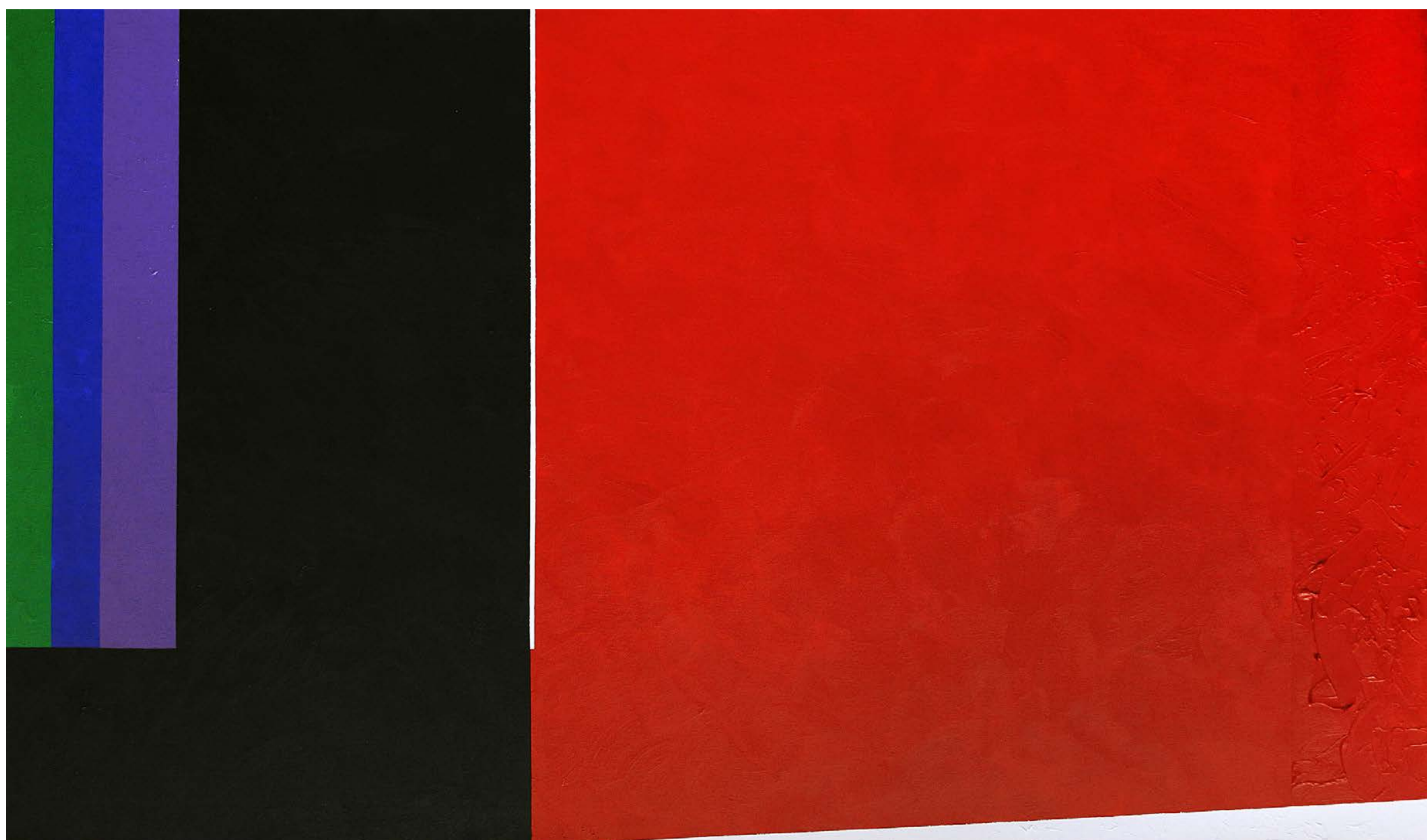
Sem título, 2008
Acrílica sobre tela
70 x 80 cm

NM



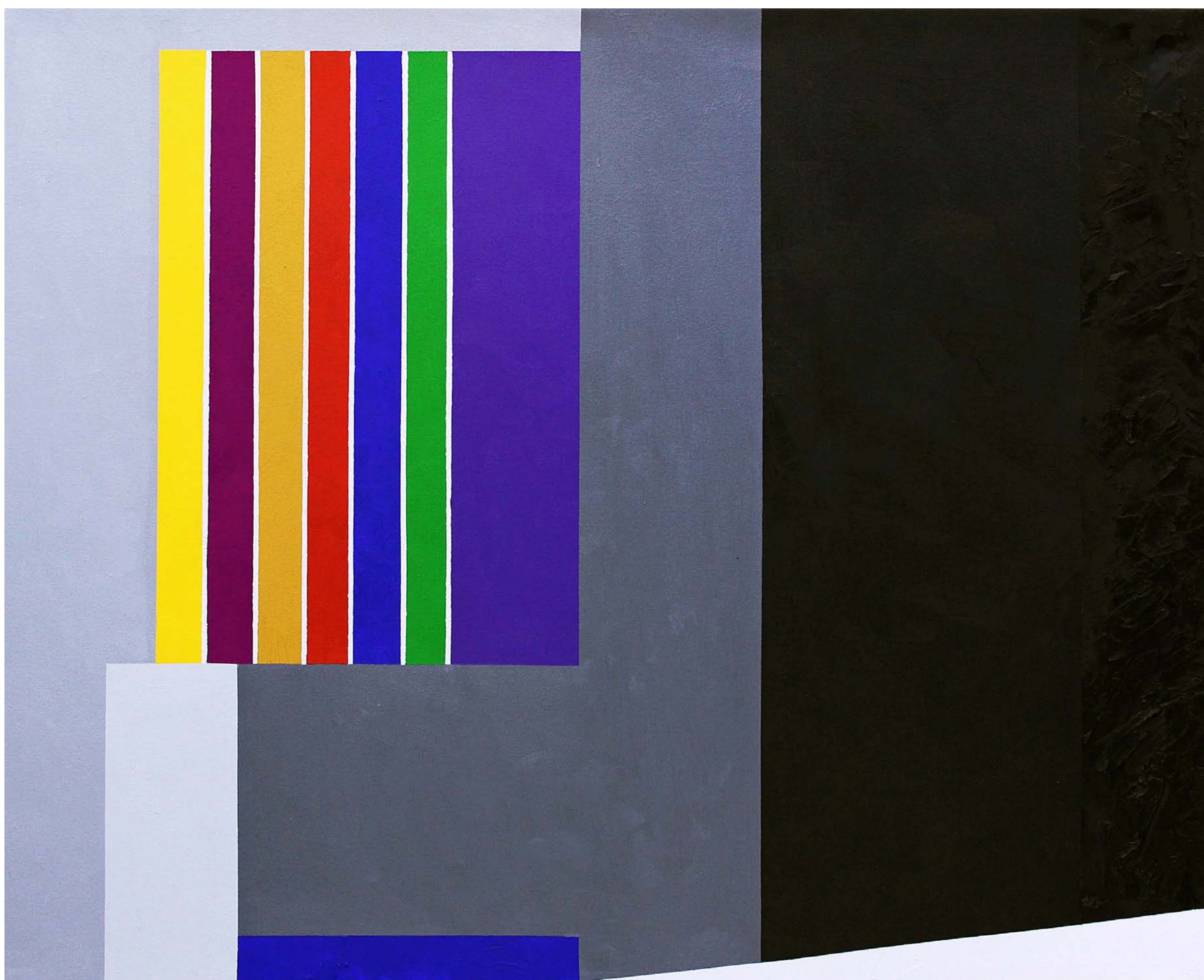
Sem título, 2012
Acrílica sobre tela
110 x 140 cm

NM



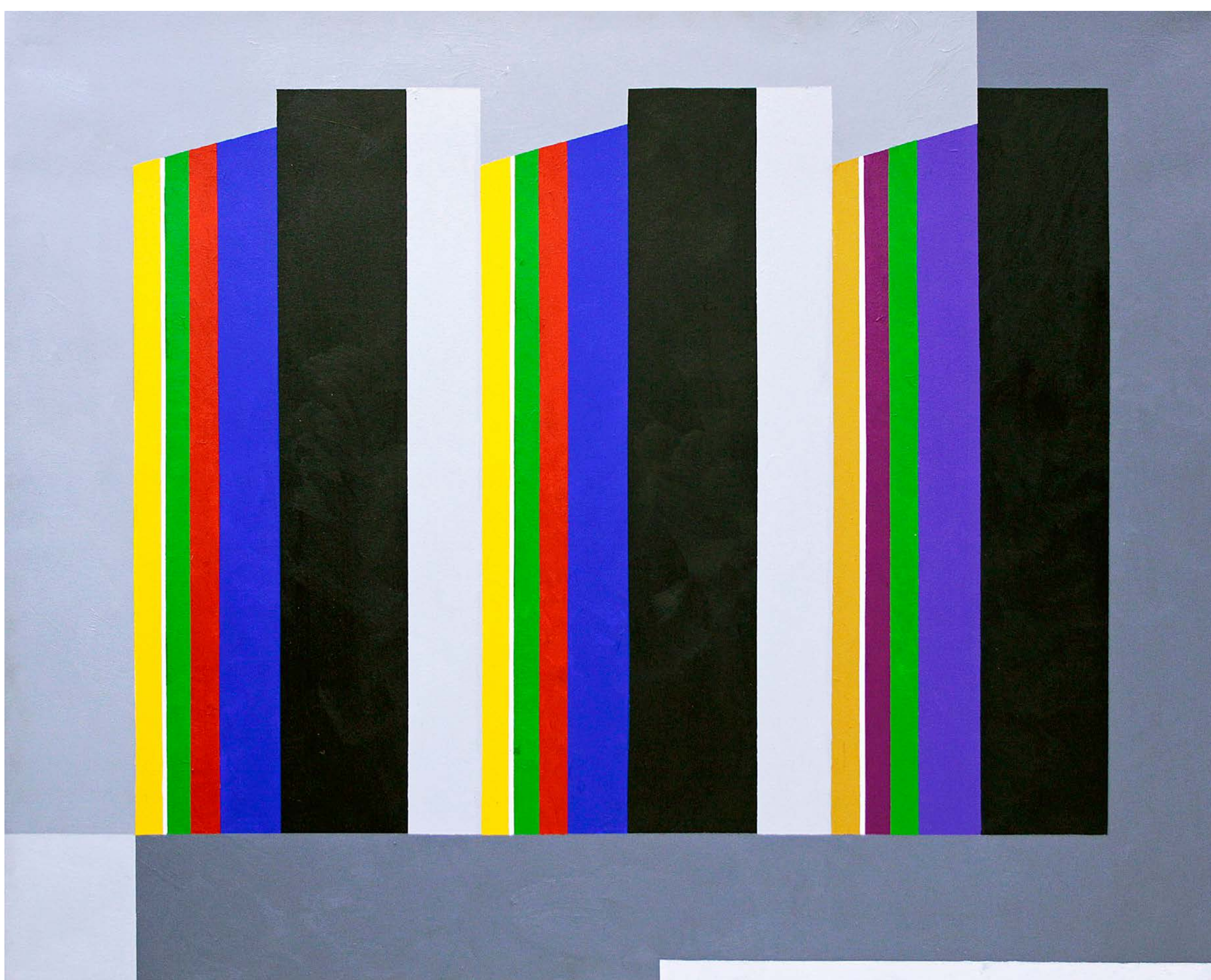
Sem título, 2013
Acrílica sobre tela
100 x 170 cm

NM



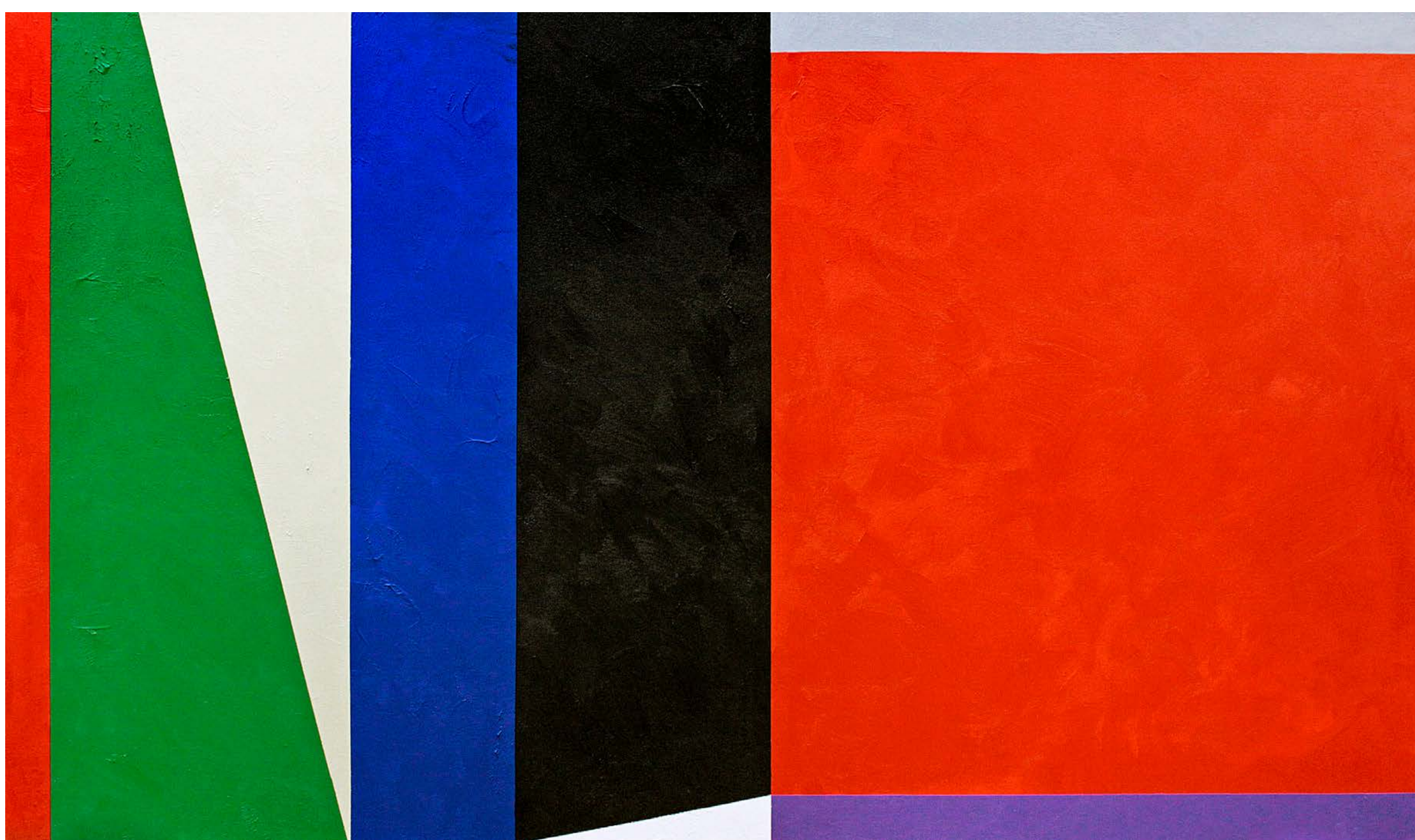
Sem título, 2013
Acrílica sobre tela
120 x 150 cm

NM



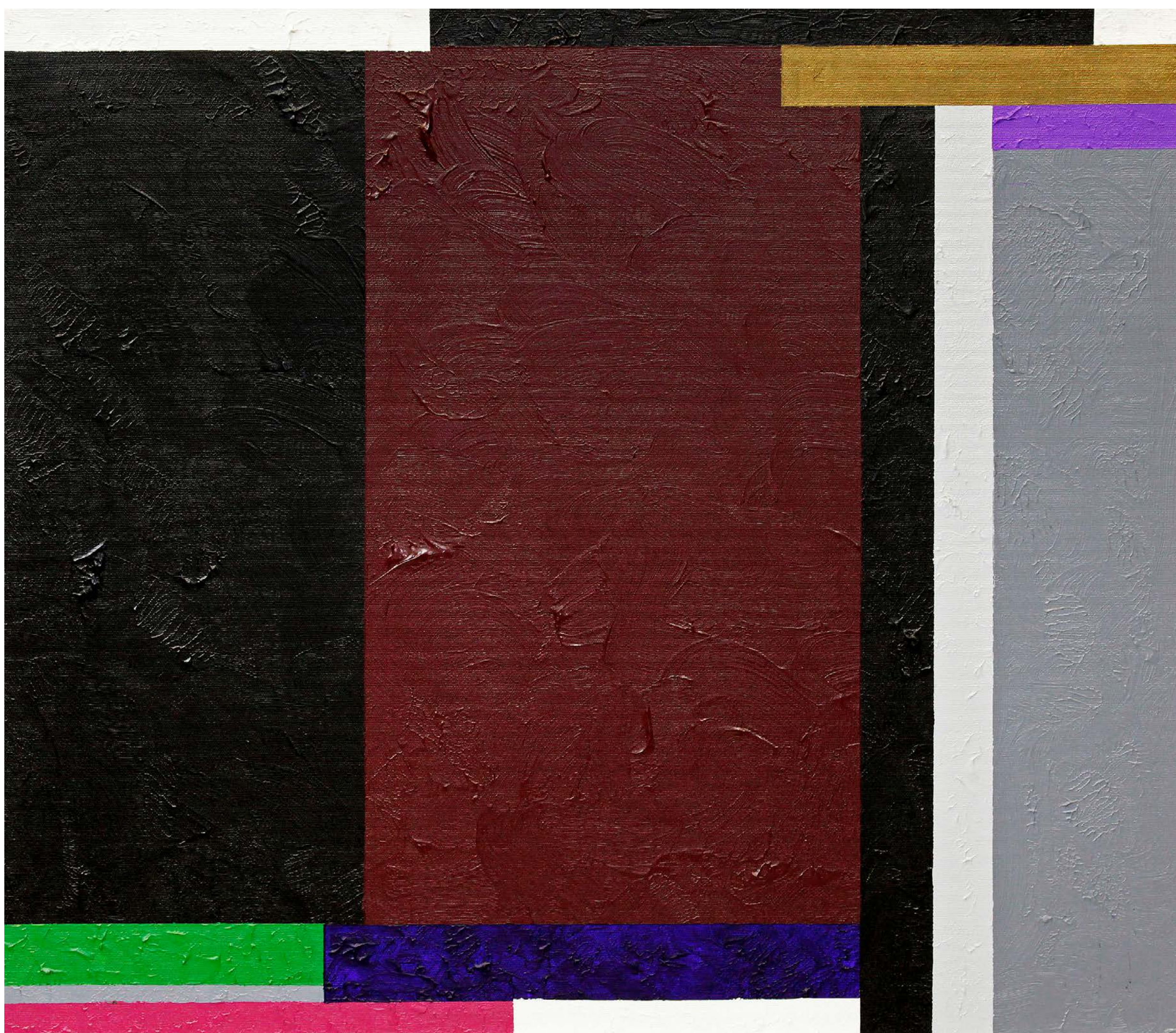
Sem título, 2013
Acrílica sobre tela
120 x 150 cm

NM



Sem título, 2013
Acrílica sobre tela
170 x 100 cm

NM



Sem título, 2014
Acrílica sobre tela
70 x 80 cm

NM



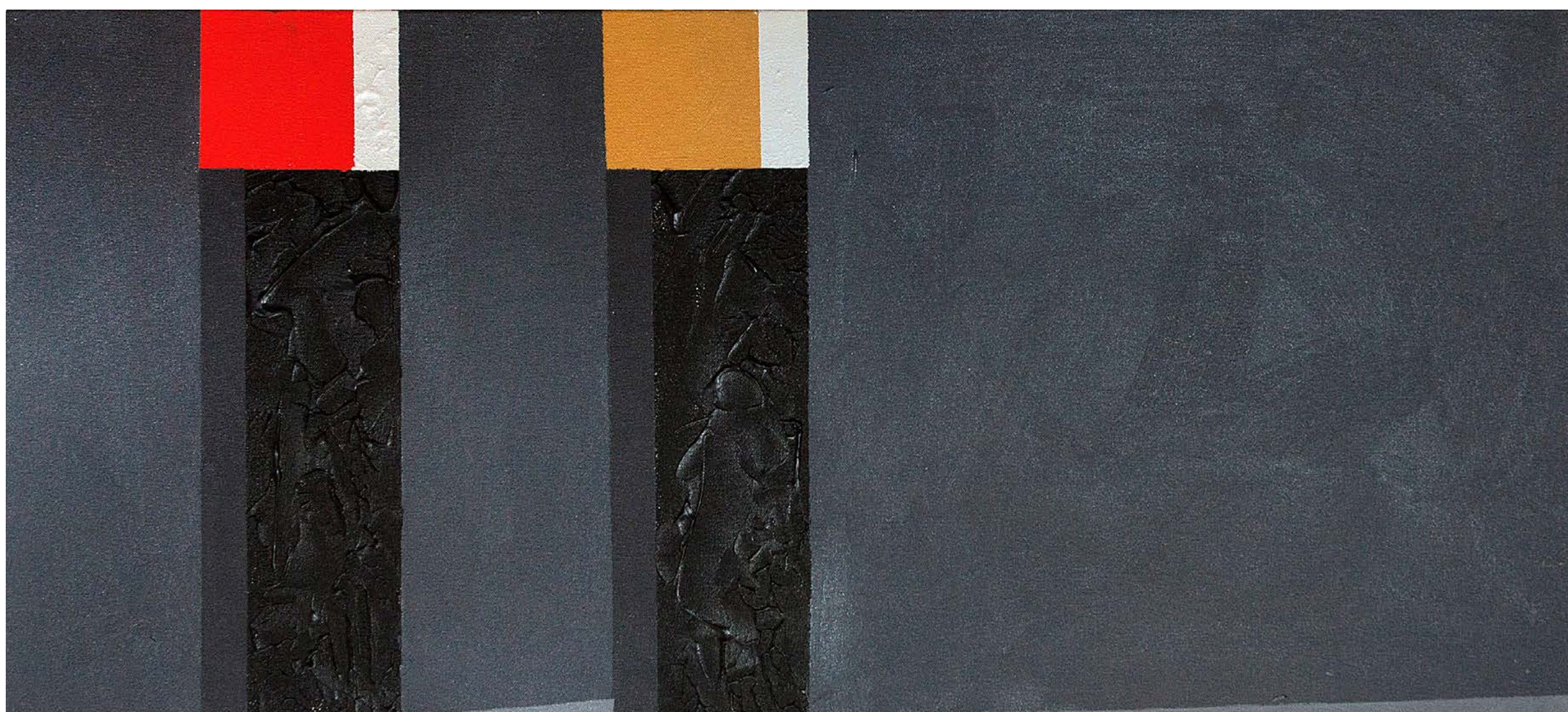
Sem título, 2015
Acrílica sobre tela
190 x 215 cm

NM



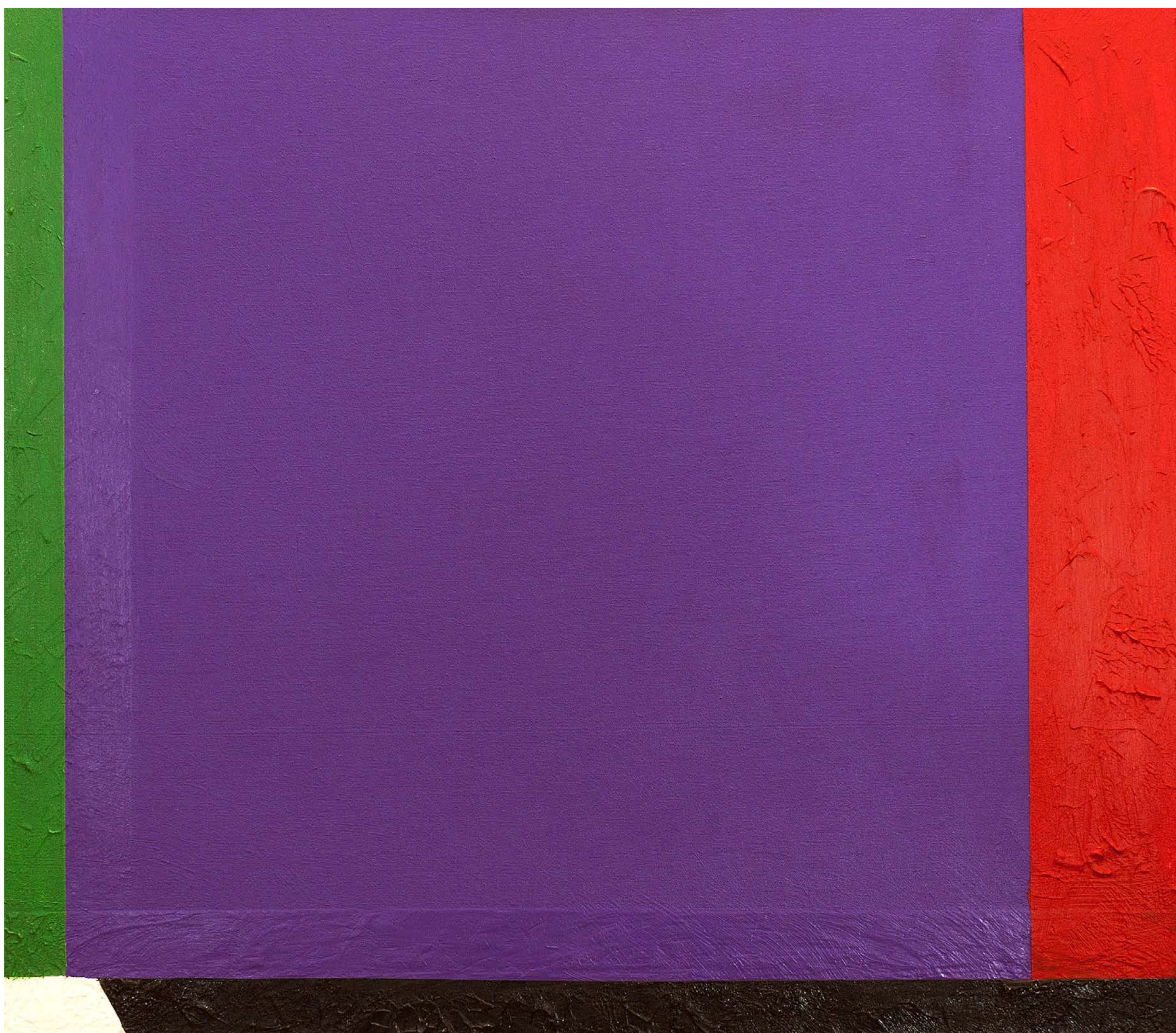
Sem título, 2017
Acrílica sobre tela
70 x 80 cm

NM



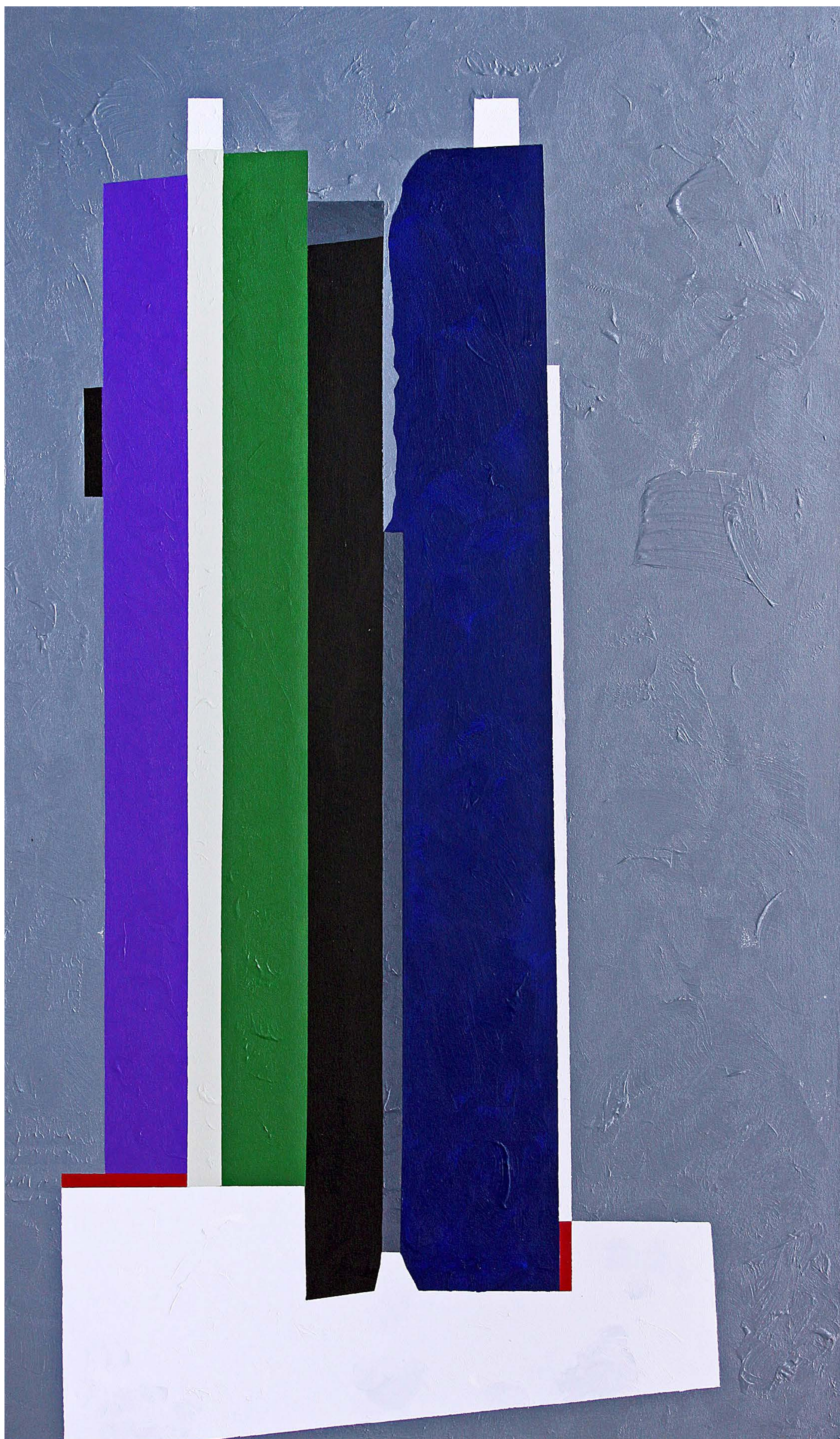
Sem título, 2017
Acrílica sobre tela
45 x 100 cm

NM



Sem título, 2018
Acrílica sobre tela
70 x 80 cm

NM



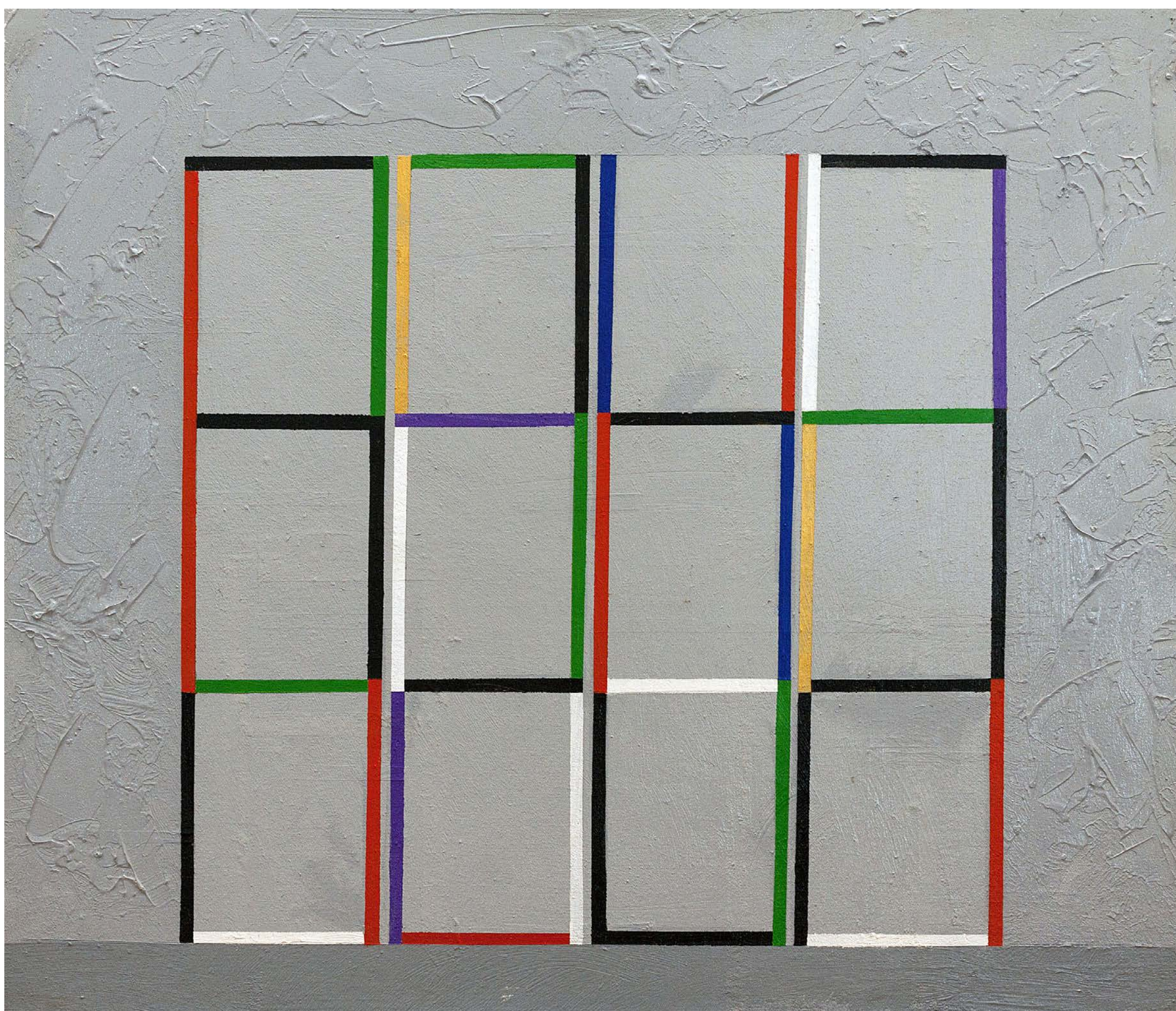
Sem título, 2013
Acrílica sobre tela
170 x 100 cm

NM

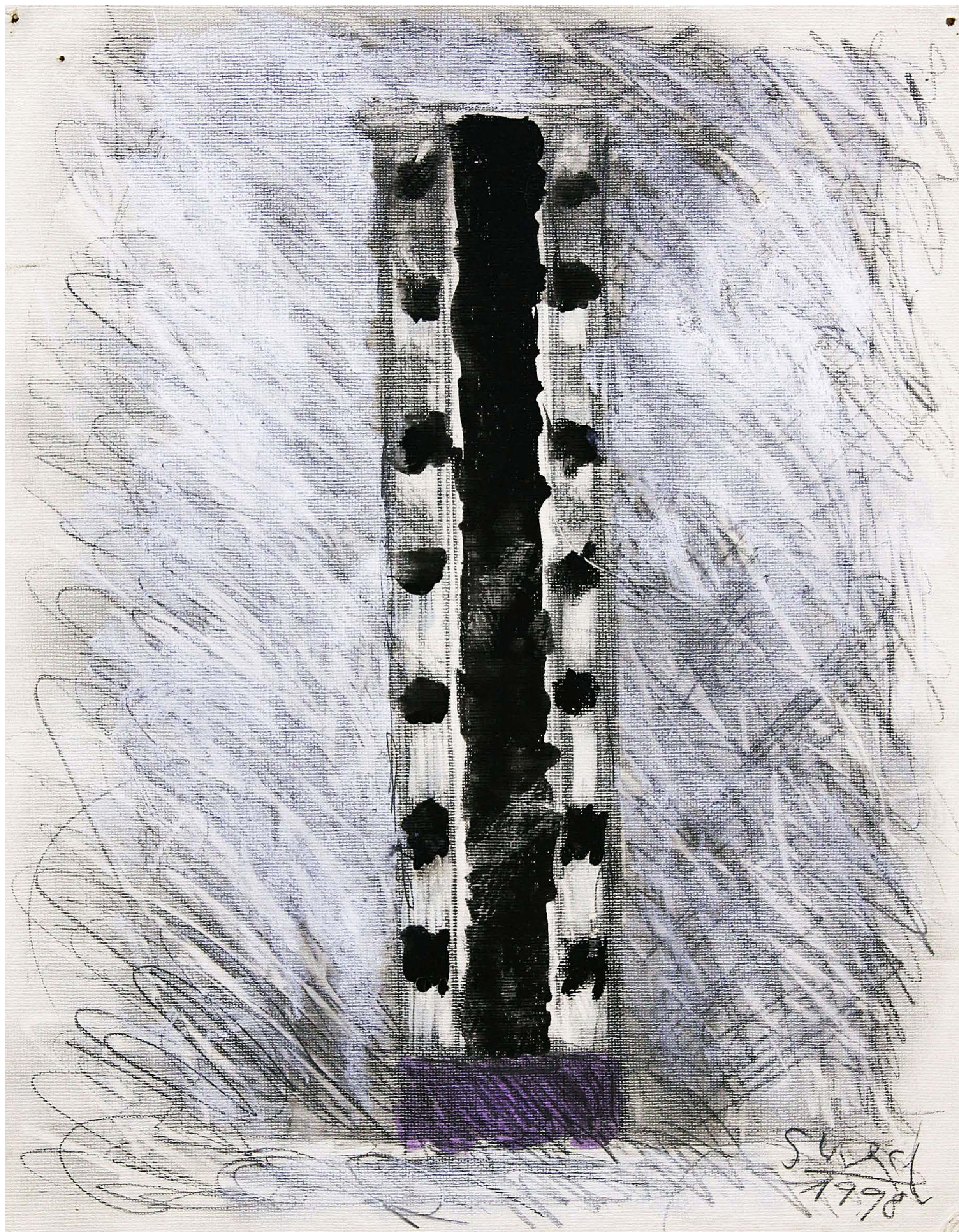


Sem título, 2013
Acrílica sobre tela
58 x 64 cm

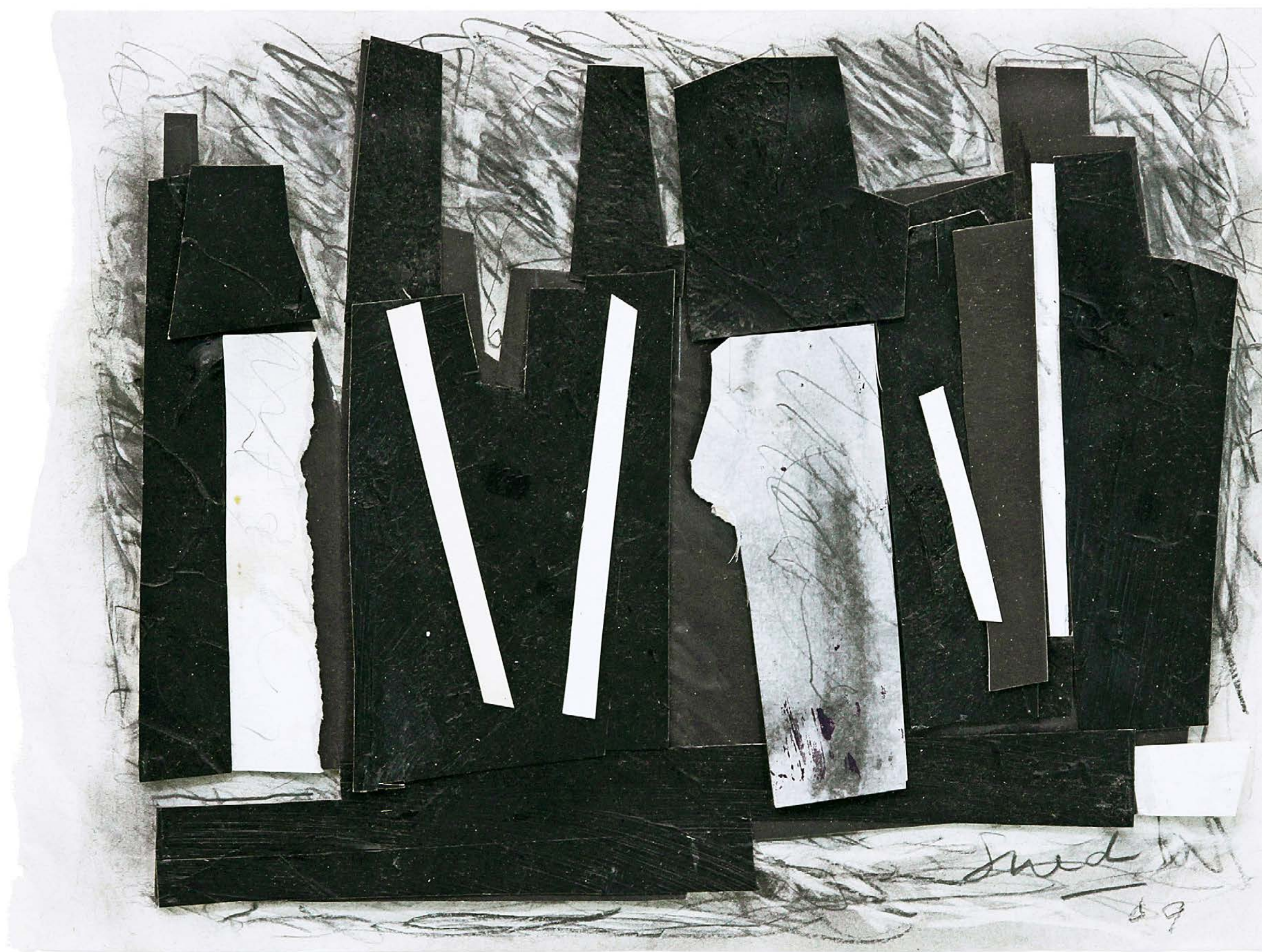
NM



Sem título, 2019
Acrílica sobre tela
60 x 70 cm



Sem título, 1998
 Técnica mista sobre papel
 41 x 32 cm



Recorte, 2009
Técnica mista sobre cartão
21 x 28 cm

NM



Sem título, 2014
Acrílica sobre tela
63 x 70 cm

NM



Recorte, 2020
Colagem sobre cartão
40 x 30 cm

NM



Recorte, 2020
Colagem sobre cartão
40 x 30 cm

NM



Recorte, 2020
Colagem sobre cartão
30 x 40 cm

NM



Recorte, 2020
Colagem sobre cartão
40 x 30 cm



A Sede como obra

Galeria Mayer Mizrahi

A inauguração de nossa nova sede é a materialização de uma visão. Durante anos, Mayer Mizrahi cultivou, com a precisão de um curador e a determinação de um colecionador de raridades, o sonho de uma morada definitiva para a Galeria. Hoje, este endereço é mais do que paredes e luz — é o marco que inscreve a Galeria Mayer Mizrahi no mapa cultural, não por convenções ou afinidades de bastidores, mas pela força de uma trajetória que, mesmo distante de círculos fechados, construiu legitimidade própria.

Ao receber a exposição Eduardo Sued – 100 anos, celebramos não apenas a longevidade e relevância de um mestre, mas também uma história pessoal de admiração e respeito que remonta a 2008, quando Mayer conheceu Sued. Desde então, a relação foi marcada por conversas francas e pela percepção de que Sued era um espírito aberto, generoso e incansável. Aos 88 anos, o artista ainda demonstrava a inquietude criativa de quem tem mundos a explorar.



Numa dessas conversas, Mayer lhe perguntou: “Até quando você pretende criar?” — ao que Sued respondeu, com a simplicidade de um gênio: “Enquanto eu tiver inspiração, criarei.”

Visitando instituições no Brasil e no exterior, Mayer nunca encontrou a combinação de acolhimento que oferecemos. Aqui, o gesto de abrir as portas é acompanhado por uma curadoria que cresceu em qualidade e relevância com a velocidade de quem sabe onde quer chegar.

Não há barreiras para nos aproximarmos dos artistas, independentemente de status ou geografia. A **Galeria Mayer Mizrahi** não se limita a acompanhar o mercado: molda o seu próprio espaço nele. E esta sede é o alicerce sobre o qual continuaremos a crescer, aprender e reafirmar nossa posição como referência de excelência.

Assim, inauguramos não apenas uma sede, mas um capítulo importante na história da **Galeria Mayer Mizrahi** — um espaço onde arte e legitimidade se entrelaçam, projetando-nos no mapa cultural que ajudamos a reescrever.



Galeria

MAYER MIZRAHI

contato@galeriamayermizrahi.com.br

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 1082
Jardim Paulista - São Paulo-SP